

INTRODUÇÃO

“... o escritor faz-se como todas as pessoas se fazem: olhando o mundo como se fosse pela primeira vez e descobrindo no Tempo algo que pode ainda ser estreado”
(Mia Couto, “Quando me fiz escritor?”, *Granta* 4, 2014, p.81).

O presente Dossier que integra o n. 29.3 da Revista Diacrítica editada pelo *Centro de Estudos Humanísticos* da Universidade do Minho, inclui três dos textos apresentados pelos respectivos autores num painel que teve lugar na XVI edição do *Festival Correntes d’Escritas da Póvoa de Varzim*. Este painel, precisamente intitulado *Prémios Literários. O Poder das Narrativas e /ou as Narrativas do Poder*, foi organizado no âmbito de um projecto de investigação científica sediado no Centro de Estudos Humanísticos, com o apoio e a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian. Apraz-nos desde logo salientar esta pouco usual e a nosso ver crucial relação de cumplicidade entre a academia, no caso a Universidade do Minho e a sociedade civil através de um evento cultural que tem assumido um papel tão significativo local e nacionalmente, como o *Festival Correntes d’Escritas da Póvoa de Varzim*.

A nosso ver a Universidade só tem futuro se souber estabelecer sinergias vivas com a sociedade civil e se for capaz de criar redes de conhecimento, de debate e de reflexão para além dos seus próprios muros. Como tal, e desde logo, o nosso profundo reconhecimento à Comissão organizadora do *Correntes d’Escritas* (um evento que vem *milagrosamente* crescendo todos os anos!), o Dr. Luís Diamantino, Vereador do pelouro da

Cultura da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim e a Dr.ª Manuela Ribeiro, que desde o primeiro momento, num caloroso dia de Julho, nos recebeu, não menos calorosamente, nas ainda recentíssimas instalações do Teatro Garrett, na Póvoa.

Agradecemos vivamente a disponibilidade de todos os intervenientes no nosso painel (Ana Paula Tavares, Ana Luísa Amaral, Inês Pedrosa, Isabel Pires de Lima, Germano Almeida, Manuel Jorge Marmelo), e a generosidade com que acolheram a nossa proposta de reflexão conjunta sobre o significado dos Prémios Literários e o seu impacto múltiplo, desde logo no próprio autor/a, na leitura da sua obra, na sua obra por haver ou porvir, no mercado da edição e da tradução, na formação e transformação do cânone literário, na criação do *bestseller* e nas feiras internacionais do livro, enfim, reflectindo sobre o prestígio que o prémio literário tem, quer queiramos, quer não, e as várias *malhas que o tecem*.

Dito de outro modo, e tal como simbolicamente dito no título do nosso projecto e deste painel: Os Prémios Literários entre *o Poder das Narrativas e as Narrativas do Poder*.

Por motivos diversos são apenas três os textos destas intervenções editados neste *Dossier*. Decidimos assim juntar a estes um outro texto, de índole e formato algo diferente, da autoria de Nazir Ahmed Can, porém cujo conteúdo analítico se constrói em total sintonia com o tema proposto à reflexão e lhe acrescenta um estudo de caso que muito enriquece a reflexão global.

A anteceder ainda a apresentação dos textos contidos neste *Dossier*, apenas uma breve, algo crua e obviamente polémica, nota historiográfica.

Na cerimónia de atribuição dos Prémios Literários pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) a 21 de Fevereiro de 1935, a qual foi presidida pelo então Presidente do Conselho, António de Oliveira Salazar, refere o mesmo no seu discurso de entrega dos Prémios, e que figura no volume I dos seus *Discursos*¹ como “pedaços de prosa que foram ditos”,

¹ António Oliveira Salazar, *Discursos I (1928-1934)*, Coimbra Editora Ltd., 1946 (p. XV).

e que de seguida transcrevo (ênfase nosso):

“Os princípios morais que estão na base deste movimento reformador [referindo-se ao Estado Novo] *impõem à actividade mental e às produções da inteligência e sensibilidade dos portugueses certas limitações, e suponho deverem mesmo traçar-lhes algumas directrizes*”. (p.XX)

(...) “o amoralismo e a arte pela arte, frutos lindos de ver-se mas inaproveitáveis ou nocivos”. (p. XXII)

E continua no seu discurso o então Presidente do Conselho:

(...) “para elevar, robustecer, engrandecer as nações é preciso *alimentar na alma colectiva as grandes certezas e contrapor às tendências de dissolução propósitos fortes, nobres exemplos, costumes morigerados*.” (p. XXIII)

“É impossível nesta concepção de vida e da sociedade, a indiferença pela formação mental e moral do escritor ou do artista e pelo carácter da sua obra; é impossível valer socialmente tanto o que edifica como o que destrói, o que educa como o que desmoraliza, *os criadores de energias cívicas ou morais e os sonhadores nostálgicos do abatimento e da decadência*.” (p. XXIII)

(...) neste momento histórico em que determinados objectivos foram propostos à vontade nacional, *não há remédio senão levar às últimas consequências as bases ideológicas sobre as quais se constrói o novo Portugal*. (...) *E se por vontade de tal estado de consciência se vier a escrever menos ...*” (p.XXIV).

Bom, posto isto à laia de Introdução, parece-nos que a questão dos Prémios Literários, o seu impacto nacional e internacional, os parâmetros que os regem, o seu reflexo no mercado e nas práticas editoriais e de tradução, são sim um fenómeno literário, mas também cultural, social e político indubitavelmente controverso e contíguo ao *Poder das Narrativas e às Narrativas do Poder*.

No seu texto, intitulado “A Verdade dos Prémios Literários: o Poder

das Narrativas e /ou As Narrativas do Poder”, Ana Luísa Amaral começa por referir que irá tratar de “prémios e poesia”. Argumenta a autora que os prémios literários não são, em si mesmos, “narrativas do poder”, mas sim as circunstâncias que os enquadram, as quais têm a ver, nomeadamente, com a “legitimação do gosto”. Analisa depois a autora exemplos vários de prémios que se inscrevem em “narrativas de contra-poder”, caso, entre outros, da poeta americana Adrienne Rich, ao recusar a “National Medal for the Arts”, o mais alto galardão americano, como um símbolo da sua crítica severa à administração Clinton.

Germano Almeida, no texto “Acerca dos Prémios Literários”, analisa no seu jeito irónico e satírico aquilo que considera um tabu digno de nota na questão dos Prémios: a questão pecuniária. Reflexão esta que, sendo necessariamente “contra a corrente”, coloca uma importante questão raramente colocada e, muitas vezes, hipocritamente escamoteada. A questão do “valor económico” em que se traduz o “valor literário e cultural” dos Prémios, mais ainda quando se trata do Prémio Nobel, não é de facto menor. Daí a importância igualmente assinalável dos escritores que recusam os Prémios. Germano Almeida refere entre outros a recusa de J. P. Sarte do Nobel, a de Luandino Vieira, do Prémio Camões, a de Herberto Helder do Prémio Pessoa, com fundamentos político-ideológicos.

A reflexão de Isabel Pires de Lima, “Não há prémios puros. E por que haveria de haver?”, enuncia pragmaticamente uma série de questões em torno da presente “proliferação de prémios literários”, as quais a autora equaciona, propondo-nos que “o prémio literário distingue e aponta seres distintos, discriminando positivamente”.

Por fim, e como se disse anteriormente, num registo formal distinto, Nazir Can no ensaio “*Doxas*, paradoxos e horizontes: o circuito secundário da poesia moçambicana em discussão”, texto que foi apresentado na conferência realizada no âmbito deste projecto na Universidade do Minho em 2-3 de Julho de 2015, entretece um diálogo teórico que consideramos fértil com as reflexões anteriores, acrescentando ao tema em debate novas indagações e perspectivas críticas. O autor propõe-nos um estudo de caso sobre “a proliferação de concursos literários dirigidos a iniciantes” presentemente, em Moçambique. Este instigante estudo reflecte sobre

os dois grandes circuitos vigentes: o “campo – espaço constituído por escritores legitimados”, e o “símile-campo – espaço periférico mais ou menos desprestigiado pela instituição literária. O estudo das relações entre “língua, sociedade e institucionalização” que este texto nos propõe, concretiza, a nosso ver, muitas dos postulados, indagações e inquietações múltiplas sugeridas pelos autores presentes no painel havido no Festival Correntes d’Escritas em Fevereiro de 2015, no âmbito deste projecto de investigação.

Uma palavra final de profundo agradecimento a todos os que contribuíram para a concretização deste vivo debate e desta reflexão conjunta: os escritores, os membros do projecto, particularmente a Joana Passos e a Elena Brugioni, fundamentais em todo este processo, os membros do grupo de pesquisa GAPS [Género, Arte e Estudos Pós-Coloniais] pertencente ao *Centro de Estudos Humanísticos*, o Director da linha temática de Literatura, Orlando Grossegeesse, a organização do Correntes d’Escritas e, *last but not least*, a Fundação Calouste Gulbenkian que acreditou neste projecto e o financiou, oferecendo-nos uma salutar “luz ao fundo do túnel” nestes tempos sombrios para a investigação científica nas Humanidades.

Braga, 15 de Setembro 2015

Ana Gabriela Macedo
Coordenadora do Projecto *Prémios Literários*,
O Poder das Narrativas e /ou as Narrativas do Poder